

## A COR AZUL COMO SÍMBOLO DE PODER

*Valdriana Corrêa<sup>[1]</sup>*

**RESUMO:** a cor azul, por muitas vezes, foi utilizada para demonstrar poder e valorização. Como exemplos dessa demonstração de poder trago o Portal de Ishta na Babilônia com seus tijolos azuis que impressionavam os visitantes, tendo em vista que a cor azul era muito rara no mundo da Mesopotâmia, e as Mesquitas Azul do Afeganistão e de Istambul, onde a cor e a escrita eram responsáveis por desempenhar o papel das figurações, que não eram aceitas na religião islâmica. Este artigo busca apresentar o quanto a cor, em especial a cor azul, tinha esse papel de representar além do poder político, o poder religioso criando uma proximidade com o mundo superior, com o divino e o eterno.

**Palavras-Chave:** Azul; Mesquitas; Cor; Representação; Simbologia

### THE BLUE COLOR AS A SYMBOL OF POWER

**ABSTRACT:** The blue color was often used to demonstrate power and appreciation. As examples of this demonstration of power I bring the Ishta Portal in Babylon with its blue bricks that impressed the visitors, considering that the blue color was rare in the world of Mesopotamia, and the Blue Mosques of Afghanistan and Istanbul, where the color and writing were responsible for playing the role of figurations, which were not accepted in the Islamic religion. This article seeks to show how much color, especially blue, had this role of representing, besides political power, religious power creating a proximity with the upper world, with the divine and the eternal.

**Keywords:** Blue; Mosques; Color; Representation; Symbology

Não me considero uma especialista em história antiga, minha pesquisa no mestrado é sobre arte contemporânea, mas meu trabalho de conclusão de curso foi sobre as representações da cor azul na história da arte, o que me fez percorrer vários caminhos através da história. Pude pesquisar desde o antigo Egito até os usos do azul na Modernidade e na Arte Contemporânea. Durante esse percurso de pesquisa encontrei alguns significados sobre a cor azul que serviram de base para esse artigo, que foi escrito posteriormente a minha apresentação no I Simpósio de Arte Antiga e Medieval da UNIPAMPA, o qual fiquei muito feliz em participar.

---

<sup>1</sup> Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela mesma universidade. com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte.

Falar de arte antiga não é tarefa fácil no circuito das artes no Brasil, e quando encontramos pessoas assim tão interessadas nesses projetos, o coração dos pesquisadores bate mais forte. Mas como eu disse, não sou uma especialista, sou uma entusiasta da arte antiga, do Medievo e do Renascimento Italiano, falo aqui hoje então, como uma historiadora da arte e uma pesquisadora da cor. Podemos dizer que a cor é um fenômeno cultural e a pesquisa sobre cor é multidisciplinar, por isso achei interessante trazer esse pequeno relato que mostra a importância da cor, e como esse assunto permeia a arte, a história e até a arquitetura.

### **Portal de Ishtar e o poder político da cor**

Vamos iniciar com o primeiro dos três exemplos que nos mostrarão o quanto o uso da cor tem seus significados envoltos nos mais complexos pretextos. O Portal de Ishtar é um exemplo perfeito de como, através da utilização da cor, pode-se demonstrar controle, domínio e poder.

Desde os tempos mais remotos, a cor azul é utilizada para simbolizar várias representações, entre elas o poder. Essa cor tem uma longa trajetória entre altos e baixos na história da arte e na história cultural, houve um tempo que era tida como a cor dos bárbaros, a cor das prostitutas e na antiguidade, quem tinha olhos azuis era mal visto pela sociedade (Pastoureau, 2016). Mas, assim como no Cristianismo, no Islamismo o azul recebeu, em um determinado momento, lugar de destaque representando uma ligação divina entre o céu e a terra. É o que pretendo abordar nesse artigo, essa representação de poder tanto religioso quanto político.

Um bom exemplo da importância da cor azul nas civilizações antigas são os azulejos esmaltados da Babilônia<sup>[2]</sup> com os quais foram decorados o Portal de Ishtar. Os azulejos são uma das mais antigas formas de arte decorativa. Aliado à arquitetura, foi sempre muito utilizado devido à sua durabilidade, propriedades técnicas e riqueza visual. O nome azulejo deriva da palavra árabe *Al-zulaij*, que significa pequena pedra polida (Leite, 2007).

O Portal de Ishtar foi construído por volta de 575 a.C. por ordem do Rei Nabucodonosor II, no lado norte da cidade. Era uma das oito portas para adentrar na

---

<sup>2</sup> Capital da antiga Suméria e Acádia, no sul da Mesopotâmia.

cidade da Babilônia e por onde passavam em procissão os reis e seus convidados, e por onde desfilavam as estátuas das divindades durante as festividades de Ano Novo. O caminho para chegar até o Portal possuía quase 500 metros de comprimento, com muralhas que chegavam a 15 metros de altura. Chamada de *May the Enemy not Prevail*, ou “O inimigo não prevalecerá”, a Via Processional, tinha a finalidade de fornecer um cenário adequadamente impressionante para aqueles que chegavam a cidade (Figura 01).



**Figura 1 - Representação de como teria sido a entrada norte da cidade da Babilônia**  
Fonte Museum Pergamon

Originalmente considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, suas paredes eram revestidas em tijolos vitrificados em sua maioria azuis, decorada em alto relevo com os animais sagrados da Babilônia como o Leão de Ishtar, que representava a deusa da proteção e poder, o Touro de Adad, deus da tempestade e do vento relacionado ao clima e, portanto, a uma boa colheita, levando a uma economia forte e o Dragão de Marduk que representa o patrono da cidade, deus da inteligência, velocidade e perigo. Na

verdade o dragão é um desenho híbrido, onde percebemos a cabeça de uma cobra, o corpo de um dragão e os pés de um leão, tendo o objetivo de unir forças (Figura 02).



**Figura 2 - Detalhe do Portal de Ishtar representando o Dragão de Marduk**  
**Fonte e localização: Museum Pergamon, Berlin**

Os tijolos do Portal de Ishtar estão cobertos por um esmalte azul que devido a sua tonalidade se aproximava muito do lápis-lazúli, uma pedra semipreciosa azul-escura que era reverenciada na antiguidade devido à sua vibração e poderes exotéricos. Seus tijolos azuis impressionavam os visitantes, tendo em vista que a cor azul era muito rara no mundo da Mesopotâmia<sup>[3]</sup>.

Esse lápis-lazúli vinha de minas do norte do Afeganistão. Era uma pedra muito valiosa e de difícil acesso, dizia-se que tinha propriedades espirituais devido a sua coloração intensa e rara. Em seu estado natural apresentava veios ligeiramente dourados que pensava-se que poderia ser ouro, o que aumentava seu prestígio e o seu valor comercial. O Lápis-lazúli sempre foi uma pedra muito rara não só por condição de difícil acesso, mas também porque extrair seu pigmento era um trabalho manual que requeria uma certa expertise, o que fazia com que o pigmento de cor azul tivesse seu valor superior ao valor do ouro (Baxandall, 1991).

Como a cidade da Babilônia era um entreposto comercial bem importante, acabava sendo muito visada pelas invasões dos povos inimigos. A construção das muralhas tinha como finalidade principal a proteção da cidade, mas os portais,

---

<sup>3</sup> Região histórica situada dentro do sistema do rio Tigre e Eufrates, nos dias modernos, correspondendo aproximadamente à maior parte do Iraque, mais o Kuwait, as partes orientais da Síria, a Turquia do Sudeste e as regiões ao longo das fronteiras turco-sírias e iranianas e iraquianas.

principalmente o de Ishtar, tinha a intenção de ostentar poder. Diante do Portal de Ishtar era fácil se sentir temeroso com relação ao poderio daquela cidade, pois se eles tinham um portal azul, imaginava-se que possuíssem muitas riquezas e armas.



**Figura 3 - Maquete reproduzindo as duas seções frontais do Portal de Ishtar | Fonte e localização Museum Pergamon, Berlin**

Quando os arqueólogos alemães escavaram na Babilônia na década de 1930, eles desmontaram o Portal de Ishtar e levaram-no para Berlim. Lá ele foi meticulosamente reconstruído para ser exibido no Museu Pérgamo. O portal, segundo informações do próprio museu, tinha 15 metros de altura e as fundações originais se estendiam por mais 15 metros abaixo do solo. A reconstrução do Portal de Ishtar no Museu Pérgamo não é uma réplica completa, a estrutura original era formada por um portal duplo, com um portão frontal menor e uma seção posterior secundária maior e mais grandiosa como podemos observar na imagem abaixo (Figura 03). A única seção em exibição no Museu Pérgamo é o segmento frontal menor. Além dessa versão, há diversos outros museus do mundo que receberam pedaços do Portal de Ishtar, entre eles o Metropolitan Museum de Nova York, o Instituto Oriental de Chicago, o Museu de Istambul, entre outros. Fica clara aqui a intenção de se utilizar da cor para demonstrar poder e riqueza.

## A Mesquita Azul do Afeganistão e a ligação com o divino

Conhecida como Mesquita Azul, seu nome oficial é Mesquita de Mazar i Sharif, que vem a ser o nome da cidade onde ela se localiza. Mazar i Sharif é uma cidade ao norte do Afeganistão, na província de Balkh. O prédio como conhecemos hoje, foi reconstruído no século XV por volta do ano de 1481 pelo Sultam Husayn Bayqarah Mirza. Anteriormente este mesmo prédio havia sido parcialmente destruído durante a invasão de Gengis Khan em 1220. Uma lenda local afirma que a mesquita inteira foi enterrada para protegê-la dos exércitos mongóis, embora nenhuma evidência tenha sido encontrada para apoiar essa afirmação.



**Figura 4 - Mesquita Azul, ou Mesquita de Mazar-i-Sharif | Afeganistão**  
Fonte: <http://www.afeganistao.net/fotos-do-afeganistao/>

O exterior do santuário é coberto inteiramente com mosaico de azulejos policromados e painéis de azulejos pintados em vários tons de azul (Figura 04). Os impérios muçulmanos foram responsáveis pela disseminação do uso da cerâmica como revestimento de paredes. Apesar de inicialmente utilizarem mosaicos imitando os bizantinos e criando desenhos com pedaços de pedra, logo sob influência da cerâmica chinesa, acessível através da rota da seda, eles começaram a usar azulejos. Estes, agora já menos espessos, foram amplamente utilizados na arquitetura islâmica, em ambientes internos e externos (Janson, 1989).

Segundo Michael Baxandall: “todo objeto histórico tem um propósito - ou um intento ou, por assim dizer, uma qualidade intencional” (1991, p. 81). As grandes mesquitas tinham a intenção de demonstrar a grandiosidade da religião, do saber e do poder islâmico. Nada mais justo, já que a representação de imagens não é aceita no islamismo, que tanto o interior como o exterior da mesquita remetessem ao divino através da cor.

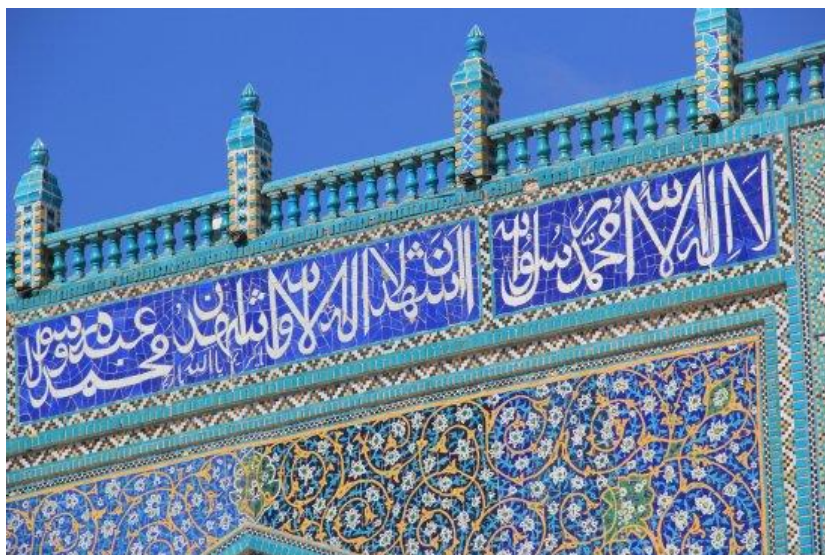
O simbolismo da cor, de acordo o islamismo, ficou bem definido na estética final dessa obra grandiosa. Azul, seria uma cor protetiva, representando bondade e esperança. As cúpulas representavam o céu, o firmamento, para onde, em desespero muitas vezes olhamos buscando Deus. O azul é uma cor que representaria o pensamento profundo, e o projeto de realização distante (Corrêa, 2017).

No exterior das mesquitas o revestimento de cerâmica vidrada constituiu uma importante fonte de cor. Áreas de cores intensas, especialmente turquesa ou azul brilhante, eram normalmente usadas para destacar certas partes de um edifício, por exemplo, a cúpula, o portal de entrada ou a fachada do pátio. Cúpulas revestidas no exterior com azulejos turquesa brilhantes eram metáforas visuais para o céu acima de todos. Embora exista a proibição do uso de figuração, o uso dos padrões geométricos tem uma motivação simbólica. Representam o processo de criação e o mundo como um conjunto relacional.

Nesta mesquita, como em outras, vários pigmentos além do lápis-lazúli foram utilizados, mas sem desabonar a intenção de demonstrar poder, levando em conta que utilizar-se da cor azul, um tom muito raro, já era visto como símbolo grandiosidade, poder e elevação espiritual.

As mesquitas islâmicas, desde o princípio, eram tidas como o local apropriado para o ensinamento da religião e das várias ciências desenvolvidas pelos muçulmanos. Dessa forma, aliando religião e conhecimento, representava o poder do governante da dinastia. A mesquita, portanto, é a representação de três valores para a cultura muçulmana: a religiosidade, a sabedoria e o poder (Seherr-Thoss, 1968).

Diferentemente do espaço litúrgico dos cristãos, a mesquita é tão somente um espaço destinado à difusão da palavra do profeta, não contendo em si o caráter de “morada do Senhor” onde, portanto, ele não se encontra representado. Se no cristianismo Deus se fez carne, no Islamismo fez-se palavra, por essa razão a caligrafia é sempre um objeto de destaque na ornamentação das mesquitas.



**Figura 5 - Thuluth - Estilo de caligrafia islâmica utilizada na decoração de Palácios e Mesquitas.**  
Fonte: <http://www.afeganistao.net/fotos-do-afeganistao/>

Esse modelo de caligrafia chama-se Thuluth, que é uma escrita cursiva grande e elegante, usada na época medieval na decoração de mesquitas. Foi usada para escrever a sura, que são os capítulos alcorânicos, inscrições religiosas e títulos, além de epígrafes principescas. Também foi usada para muitas das grandes cópias do Alcorão produzidas a partir do século XIII.

Se observarmos bem essas frases, que na sua maioria são trechos do alcorão, estão representadas em letras brancas sobre fundo azul (Figura 05). Isso evoca a palavra que vem dos céus.

### **A Mesquita Azul de Istambul e a reafirmação do poder**

A Mesquita Azul de Istambul, foi construída entre 1609 e 1616 encomendada pelo Sultão Otomano Ahmed I, que ordenou a construção de uma mesquita maior e mais bonita que sua vizinha, a *Haghia Sophia* (Figura 06). Revestida por mais de 20 mil azulejos cerâmicos de Iznik<sup>[4]</sup>, com belos e ricos vitrais no mesmo tom, esses belíssimos mosaicos azuis em diversas nuances, decoram com sutileza e discrição, mas com perceptível beleza, o interior da mesquita. Os azulejos de Iznik eram conhecidos como os melhores azulejos

---

<sup>4</sup> Iznik era uma cidade na província de Bursa, na Turquia. Tornou-se um importante centro com a criação de uma fábrica local de cerâmica de faiança durante o período otomano no século 16.

da Turquia. Durante séculos foram produzidos e enfeitam centenas de mesquitas por todo o oriente.

Quando foi construída, a Mesquita contava também com edificações adjacentes com uma casa de estudos islâmicos, uma escola, um hospital, uma cozinha comunitária, além dos túmulos do Sultão Ahmet e seus filhos, mas a maior parte dessas construções foi destruída durante o século XIX.



Figura 6 - Mesquita Azul de Istambul ou Mesquita do Sultão Ahmed Fonte: <http://www.sultanahmetcamii.org/>

Posicionada estrategicamente em frente a *Hagia Sophia* em Istambul, a Mesquita Azul tinha a intenção de rivalizar com a vizinha que originalmente foi construída como uma igreja ortodoxa. Quando os Otomanos tomaram Istambul, em 1453, *Hagia Sophia* foi convertida em mesquita e recebeu vários atributos da religião islâmica, como os *minarettes*<sup>[5]</sup>, o *mimbar*<sup>[6]</sup> e o *mirabe*<sup>[7]</sup>, mas a construção da Mesquita Azul representou o triunfo do Islã sobre o Cristianismo.

Para isso, o Sultam Ahmed encomendou aos azulejistas de Iznik dois anos de trabalho exclusivamente para a ornamentação da Mesquita Azul. A intenção dele era que

---

<sup>5</sup> Minarete é a torre de uma mesquita, local do qual o almuadem anuncia as cinco chamadas diárias à oração. Os minarettes, que também recebem o nome de almádena, são normalmente bastante altos se comparados às estruturas que o circundam.

<sup>6</sup> Mimbar é um termo que designa um púlpito presente numa mesquita, a partir do qual o imã profere o sermão da sexta-feira. Situa-se à direita do mirabe, podendo ser feito em madeira, mármore ou alvenaria.

<sup>7</sup> Mirabe ou mirabi é um termo que designa um nicho em forma de abside numa mesquita. Tem como função indicar a direção da cidade de Meca, para qual os muçulmanos se orientam quando realizam as cinco orações diárias.

quando ela fosse adentrada os fiéis tivessem a impressão de estarem em um lugar divino e que representasse uma conexão direta com os céus, sendo isso também uma demonstração de poder. Quem detém a proximidade com o sagrado detém o poder da interseção.

As cores deste período são: turquesa, azul de cobalto e preto. Os tijolos esmaltados e os não esmaltados produzidos nesses tons são usados com diferentes arranjos, composições horizontais, verticais, ziguezagues ou diagonais. As cores utilizadas são influenciadas pela tonalidade das pedras semipreciosas. No caso do azul, se buscava uma proximidade com o tom do Lápiz-lazúli, a pedra da qual já comentamos anteriormente que representava poder e se destacava por sua raridade e valor. Os desenhos padronizados refletem os valores alegóricos e simbólicos, reflexo da relação entre o indivíduo e o céu. Os desenhos que contém caligrafia geralmente refletem o pensamento e a filosofia islâmica (Figura 07).



Figura 7 - Caligrafia com trechos do Alcorão, serve com o adorno  
Fonte: [www.nationalgeographic.org](http://www.nationalgeographic.org)

As mesquitas já haviam deixado de ser um compartimento escondido e escuro, para se tornar um santuário do equilíbrio estético e técnico, da elegância refinada e, de uma forma indireta, do transcendental e do divino. Nesta mesquita, diferentemente da primeira que vimos, podemos observar a diminuição do uso de formas geométricas e uma maior utilização de arabescos (Figura 08).



Figura 8 - Detalhe dos arabescos que decoram o interior da Mesquita  
Fonte: [www.istanbultourstudio.com](http://www.istanbultourstudio.com)

Conhecidos como motivos Tawriq, esses arabescos são uma elaborada combinação de formas orgânicas frequentemente semelhantes às formas de plantas (Figura 09). Os arabescos são elementos da arte Islâmica, normalmente usados para enfeitar as paredes das mesquitas a partir do século XVI/XVII. A escolha das formas geométricas e a maneira como devem ser usadas e formatadas é fruto da visão Islâmica do mundo. Para os muçulmanos, essas formas em conjunto, constituem um padrão infinito que se estende para além do mundo visível e material (Leite, 2007). Para muitos no mundo Islâmico, tais formas simbolizam o infinito, e por conseguinte, a natureza abrangente da criação do Deus único. A utilização da cor azul em grande parte se dá ao fato dessa tonalidade expressar serenidade, confiança, aproximação com o divino e o poder daqueles que habitam os céus.

A cor azul, como simbologia política ou religiosa, é apresentada aqui como uma representação de poder. Apresentei como exemplo a Religião Islâmica, mas não podemos deixar de lembrar que no Cristianismo, a cor azul também teve seu papel de importância quando no século XII, passou a representar o manto da Virgem Maria. Politicamente na França do século XI era tido também como a cor representante da nobreza, nesse período os reis usavam o azul. Seja como símbolo de poder ou de devoção a cor azul se faz presente tanto nas representações da história, quanto na história da arte. São percursos diferentes que se entrelaçam e nos revelam fatos que se completam ao longo de um caminho de pesquisa e aprendizado.

## Bibliografia

BAXANDALL, M. *O Olhar Renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BROTTON, J. *O Bazar do Renascimento: da Rota da Seda a Michelangelo*. São Paulo: Grua, 2009.

CORRÊA, V.P. *Azul na História da Arte*, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Artes UFRGS. Porto Alegre, 2017.

JANSON, H.W. *O próximo oriente antigo*. In.:\_\_ História da Arte. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

PASTOUREAU, M. *Azul História de uma Cor*. Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

PISCHEL, Gina. *Civilizações mesopotâmicas*. In.:\_\_ História Universal da Arte 1. São Paul: Melhoramento, 1976.

LEITE, S. *O simbolismo dos padrões geométricos da Arte Islâmica*. São Paulo: Atelier Editorial, 2007.

SEHERR-THOSS, S.H. *Design and Color in Islamic Architecture*, 1968. Washington, DC.

WALKER, Joseph M. *Civilizações antigas da Mesopotâmia*, 2002. Cap. 2: Assíria e Babilônia. Móstoles: Edimat Libros SA.